

defeituoso, daí a dúvida do A. que, depois de afirmar, indaga: "Graça Aranha avait contribué, ainsi, à maintenir en prison Guilhermina. Est-il sincère quand, dans sa lettre à Verissimo, il se demande si une innocence n'est pas enfermée dans quelque prison? ou est-ce manière de refouler un remords?" (p. 22)

Ora, o que fica evidente à luz dos documentos examinados por Jean Roche é que Graça Aranha estava convencido da culpabilidade da ré. Por isso a sua reelaboração no romance, na figura de Maria, é uma posição posterior, determinada talvez pelos dramas de consciência em que ficou o juiz. Mas ouçamos ainda uma vez Jean Roche: "Jamais donc, comme juge, Graça Aranha n'a éprouvé de doutes sur la culpabilité de Guilhermina Lübke: rien de ce qu'il a écrit ou signé dans le dossier ne permet de supposer le contraire. Le magistrat n'a ainsi manifesté aucune pitié envers l'accusée. Mais le romancier n'as pas conservé la même attitude envers la protagoniste féminine de *Canal* qui procède de la première, tandis que d'autres personnages sont mis en scène dans le roman un peu comme ils l'ont été dans le procès" (p. 24).

A seguir, o A. passa a enumerar os pontos comuns entre o processo e o romance, o que é feito através do paralelismo entre ambos. Assim, o confronto permite a Jean Roche levantar situações e frases que se repetem iguais, palavras e personagens que se identificam. Fatos insinuados pelas testemunhas ganham fóro de realidade quando o romancista reelabora o drama de Guilhermina-Maria. Com isto, Jean Roche pode constatar que o processo em que Graça Aranha serviu de juiz serviu de fonte a *Canal* fornecendo substancial material ao romancista, no que se refere à personagem Maria.

"Devons nous rappeler tout ce que Graça Aranha a puisé à cette source? C'est toute l'histoire de Maria, de son apparition à son évasion, racontée souvent avec les mêmes mots, voire avec les mêmes phrases. Même condition, même situation. C'est la scène de l'accouchement clandestin, loin de la maison, l'idée de faire dévorer l'enfant par les porcs, la découverte du "crime" par la fille des patrons, la médisance, la persécution. C'est le ressort même de l'action, tendu en un suspense dramatique. Ce sont les personnages tels que la fille des patrons, l'accusatrice, portrait d'Ida; Maria la domestique, la victime, présentée d'après Guilhermina; Maciel, le bon juge, projection compensatrice de la mauvaise conscience que garde le romancier de son rôle dans l'affaire où il a siégé et dont il s'est inspiré. Synthèse, calque, transposition, compensation sont les divers procédés employés pour passer de la réalité à la fiction dans les multiples passages de *Canal* que nous avons pu rapprocher des pièces du dossier de Guilhermina Lübke" (p. 47).

Ressalta do trabalho, além da argúcia do A. em perceber certos pormenores e estabelecer suas correlações, o que reiteradas vezes tenho apontado como necessidade urgente e intransferível na crítica e na pesquisa, a seriedade com que se manipulam os documentos na busca exaustiva duma verdade nem sempre fácil de se estabelecer, porque requer paciência e longo trato com os documentos. Jean Roche encerra seu estudo prometendo novas pesquisas sobre o estilo de Graça Aranha, o que foi objeto de minha tese de doutoramento, prestes a ser publicada. Espero que com sua sensibilidade e capacidade ele se debruce sobre o trabalho e traga outra contribuição do valor e qualidade desta comunicação. — JOSÉ CARLOS GARBUGLIO.

SIMON, Michel — MANUEL BANDEIRA. Etude, choix de textes et bibliographie. Dessins, portraits, fac-similés. Paris, Ed. Seghers, 1965. Col. Poètes d'Aujourd'hui n° 132, 191 pp.

Para o leitor brasileiro familiarizado com a coleção "Poètes d'Aujourd'hui" — que pretende divulgar e tornar acessível ao público francês as obras de poetas nacionais e estrangeiros — é uma agradável surpresa encontrar, entre suas últimas publicações, o volume dedicado a Manuel Bandeira. O estudo de Michel Simon,

portanto, terá, forçosamente, de ser analisado sob dois aspectos: em primeiro lugar, apreciaremos seu valor dentro desse contexto, ou seja, integrando uma coleção cujas finalidades definimos; em segundo lugar, num sentido mais amplo, devemos verificar em que medida enriquece a bibliografia crítica de Manuel Bandeira.

Trabalho sério, baseado no conhecimento pessoal do homem, e no estudo da obra do poeta e de sua bibliografia especializada, o ensaio de Michel Simon merece aceitação irrestrita de nossa parte, enquanto se destina à divulgação de nosso escritor para o público estrangeiro. Neste sentido, destacamos o método de trabalho utilizado pelo Autor: ao estudo crítico, segue-se a seleção de textos e bibliografia indispensável. Ilustram a edição desenhos, fotografias e fac-símiles que representam fatos importantes da vida do artista.

O estudo crítico comporta duas partes que caminham paralelamente. O Autor soube fugir à simples coletânea de dados biográficos — desaconselhável neste caso — procurando traçar uma biografia literária: M. S. registra todos aqueles momentos da vida do poeta Manuel Bandeira que exerceram influência decisiva em sua carreira literária; ao mesmo tempo, sugere a evolução da obra poética que, inversamente, esclarece muitos aspectos da personalidade do homem Manuel Bandeira.

Acompanhamos com o Autor o futuro arquiteto — do Recife ao Rio e São Paulo — até o momento em que a doença se revela e interrompe a carreira do estudante, determinando as várias peregrinações pelas cidades mais saudáveis do Brasil e o estágio final em Clavadel, onde conhece Paul Eluard, numa convivência diária que será fecunda para os dois poetas. O gosto literário que o pai de Manuel Bandeira lhe incutira desde a infância aflora nesse momento: a impossibilidade de tornar-se arquiteto faz nascer o poeta, orientado e incentivado vivamente por amigos pessoais.

M. S. procura, então, traçar a exegese da lírica de Manuel Bandeira: desde a publicação de A CINZA DAS HORAS até ESTRELA DA TARDE, sem esquecer as traduções, crônicas, obras de história literária e as peças que compõem o MAFUA DO MALUNGO. De cada coletânea o Autor faz uma apresentação mais geral, que informa o leitor sobre seu conteúdo, detendo-se a seguir em algumas composições que ilustram suas idéias e ampliam a Antologia final. O levantamento temático das poesias acentua a lembrança da infância, passada no Recife, destacando-se sobremaneira a casa do avô, e revela — frequentemente ao lado do humor — a constante presença da morte, que acompanha o poeta desde a idade de dezoito anos. A poesia de Manuel Bandeira — essencialmente lírica, afastada por completo de uma preocupação social — inspira-se no cotidiano, na vida exterior, mas sem deixar nunca de relacionar-se com a vida interior, pois ele é, menos que tudo, um fotógrafo (cf. Sérgio Buarque de Holanda, introdução à edição Agullar) e as recordações constantes ou os dados da realidade surgem sempre transfigurados por sua fantasia, por seu mundo mítico, por sua "Pasárgada" pessoal.

Para o leitor, a descoberta das fontes de inspiração do poeta se processa paralelamente ao estudo de sua luta pela expressão técnica, porque Manuel Bandeira é, antes de mais nada, um artesão da palavra. Para ele, a poesia se faz com palavras e não com sentimentos ou idéias. E é sobretudo no que se refere à linguagem que irá aproveitar a lição dos poetas brasileiros e estrangeiros que lhe são tão familiares (desde o romantismo alemão e o simbolismo francês, até os trovadores portugueses, Camões ou a nossa tradição poética). Nesse campo, seu amor pela música lhe será fundamental, auxiliando-o a encontrar o ritmo próprio — e a experiência é a tal ponto assimilada que seus versos frequentemente inspiram compositores brasileiros (Villa-Lobos, Camargo Guarnieri, Jaime Ovalle).

E sua contribuição no plano técnico, mais do que no temático, levará Mário de Andrade a considerá-lo o São João Batista do Modernismo: pois suas experiências, desde os inícios parnasianos e simbolistas até a purificação poética, com o domínio do verso livre (foi o primeiro brasileiro a usá-lo), do metro fixo e das rimas, inclusive com o aproveitamento consciente das cadências tradicionais, serviram como ponto de partida para os modernistas brasileiros; a poesia "Os

Sapos" foi utilizada como canto de guerra da Semana de Arte Moderna, em 1922, por seu sentido revolucionário, de libertação de cânones ultrapassados.

Para este estudo, serviu-se M. S. do ITINERÁRIO DE PASÁRGADA, a autobiografia literária de Manuel Bandeira. Mas recorre com frequência — diríamos com demasiada frequência — à biografia elaborada por Francisco de Assis Barbosa, às citações de Adolfo Casais Monteiro e à interpretação brilhante de Sérgio Buarque de Holanda referida acima. Por esta razão distinguímos no início desta apreciação os dois aspectos do trabalho de M. S.: destinando-se a um público não brasileiro, ou que não possa utilizar-se das OBRAS COMPLETAS da Aguiar — o ponto de partida para a elaboração desta obra — a contribuição do Autor é preciosa, pois faz uma síntese bem feita, muito bem feita, dessa edição.

Mas sentimos que o estudioso francês se tenha apegado tão ciosamente aos críticos e biógrafos brasileiros, omitindo-se quanto à interpretação pessoal do poeta, pois o leitor adivinha que tem possibilidades para isso: seu grande amor pelo escritor brasileiro — inclusive pelo próprio Brasil — e o tom afetoso e intimista que dá a algumas de suas considerações permitem prever a simpatia e a compreensão da obra que admira. É evidente que o aproveitamento da Aguiar repousa numa visão pessoal de Manuel Bandeira, comprovada pela própria seleção das peças da Antologia, que exemplificam, com muita propriedade, a evolução da obra de nosso poeta. Essa escolha e a tradução das composições, feita pelo Autor, revelam sensibilidade e consciência crítica, não explorada suficientemente na interpretação de nosso escritor mas entrevista aqui e ali, por exemplo quando o aproxima de escritores franceses. Esta a restrição — a única realmente séria — feita ao agradável ensaio de M.S.: os leitores brasileiros poderiam contar com mais um título na bibliografia crítica bandeiriana, sobretudo por tratar-se de um ponto de vista diferente, dado pela visão particular de um ensaísta francês sobre o lírico brasileiro.

E o resultado só poderia ser proveitoso: para o público e para o Autor. — NEUSA PINSARD CACCESE.

MONTENEGRO, Pedro Paulo — CONVIVÊNCIAS. Anotações e Apreciações. Prefácio de Braga Montenegro. Fortaleza, Imprensa Universitária do Ceará, 1966. "Coleção Carnaúba", vol. 3, 217 pp.

CONVIVÊNCIAS, de Pedro Paulo Montenegro, reúne diversos estudos de literatura brasileira e hispano-americana publicados primeiramente em jornais. Os primeiros trabalhos, especificamente sobre teoria literária, revelam o conhecimento que tem o A. de vasta bibliografia — a mais atualizada — sobre o assunto, conhecimento que marcará todos os outros artigos, pois a preocupação de teorizar ou aplicar conceitos teóricos aos autores e obras analisadas evidencia-se em todo o livro.

Procurando, inicialmente, expor as diversas conceituações de termos como literatura, obra literária, gênero literário, estilística, crítica ou comentário de texto, o A. passa, a seguir, a analisar, fundamentado nessas premissas, poetas e romancistas de sua preferência, destacando-se, entre outros, Fran Martins e Milton Dias, Pedro Salinas, Larreta, Gabriela Mistral, Alonso Ercilla y Zúñiga.

As "Anotações" de P.P.M., que revelam sua erudição e amor à literatura, nos incitam a rever e atualizar conceitos de teoria literária, tendo como base os mais atuantes teóricos do momento, mas sem esquecer os primeiros estudiosos desse problema. Ao mesmo tempo, por suas "Apreciações", sentimos-nos convidados a "conviver" com alguns ficcionistas brasileiros, contemporâneos nossos, estendendo essa amizade a autores de países vizinhos, tão pouco conhecidos, mas tão próximos de nós pela semelhança que possuem com nossos próprios escritores. — NEUSA PINSARD CACCESE.

BEIGUELMAN, PAULA — Pequenos estudos de Ciência Política, São Paulo, Editora Centro Universitário, 1967, 120 pp.